

POVO

ALGARVIO

semanário regionalista

Director, Editor e Proprietário
Manuel Virgínio Pires
Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 13-Telef. 127-TAVIRA
Composição e Impressão
Tipografia «POVO ALGARVIO»-Telef. 233-TAVIRA

O Dr. Coelho de Carvalho

algarvio e tavirense insigne

POR louvável iniciativa da Casa do Algarve em Lisboa, foi inaugurada, no cemitério de Ferragudo, uma lousa sobre a sepultura do insigne escritor, dramaturgo, poeta e humanista, Dr. Coelho de Carvalho; e a cidade de Tavira, verdadeiro alfofite de guerreiros, navegadores, poetas, escritores, diplomatas e políticos ilustres, inaugurou dentro dos seus muros, uma lápida na casa onde ele nasceu em 14 de Junho do ano de 1852, também por sugestão desse prestimoso Grémio Regionalista.

Talento extraordinário e figura de múltiplas facetas, vivendo enamorado da cultura, da arte e da paisagem que, do seu castelo do Arade — a velha fortaleza de S. João — contemplava embevecido, Coelho de Carvalho, seguindo as suas tendências inactas, soube-as desenvolver e cultivar em elevado grau, inicialmente no ambiente da sua família, uma família nobre, oriunda de Pedrógão Grande e aparentada com o 1.º Marquês de Pombal, que se estabeleceu no Algarve no século XVIII e onde alguns dos seus membros foram administradores da «Companhia das Reais Pescarias». Foi o próprio Marquês que conse-

Continua na 2.ª página

Cortejo de Oferendas

na Conceição de Tavira

Realiza-se, conforme notificámos, no próximo dia 1 de Novembro, pelas 15 horas, o Cortejo de Oferendas em benefício das obras de restauro da Igreja Matriz daquela freguesia.

Presidirá ao acto, Sua Ex.ª Rev.ª o sr. Bispo da Diocese. Chegou, portanto, o momento de todos prestarem o seu auxilio em prol de uma obra de interesse colectivo.

Até quando, vilanagem?

POR mais que queiramos calar a revolta que nos vai na alma, ao escutar os uivos dos estrangeiros, não conseguimos.

E não se passa o caso só connosco, mas também com esses bons portugueses que encontramos por esta cidade e que igualmente gritam bem alto a sua repulsa para com ingleses, americanos e outros energúmenos da mesma espécie.

Depois, as notícias além de estúpidas, são de fazer revoltar o mais pacífico.

Assim: um trabalhista (?), grita na Câmara dos Comuns que Portugal, atendendo ao que vem fazendo de nefasto em Angola, devia ser afastado da O.N.U.. E afirma ainda este ilustre que a União da África do Sul, e que a própria Inglaterra, já farta daquele grande e próspero país, a afastara da sua comunidade! — Se é mentiroso o tipo, anh! — Então este irresponsável desconhece que não foi a Albion que quis afastar a União da África do Sul, mas este desenvolvido país que por se saber

Continua na 2.ª página

Escola Técnica de Tavira

O ACTUAL corpo docente desta Escola tem como Director o Eng.º Agrónomo sr. Arnaldo Rodrigues de Sousa, e os seguintes professores: — Rev. P.º Jacinto G. Rosa, Dr. Ofélio M. O. Bomba, Cap. José de Castro Sousa, Arquitecto Pedro Mestre, D. Maria José P. Viegas e Mestre Manuel Maria G. Neves.

— As aulas começaram no passado dia 2 de Outubro, com 131 alunos, sendo 38 deles, do sexo feminino.

— Os alunos do 1.º ano do curso são 103, e os restantes 28 frequentam o 2.º ano. Em 1962, já funcionará o 3.º ano.

Continua na 2.ª página

Junta Distrital do Algarve

ACABAMOS de receber o relatório e contas da gerência, referente ao ano económico de 1960, da Junta Distri-



Dr. José Correia do Nascimento

tal de Faro, pelo qual se vê claramente a actividade desenvolvida adentro das possibilidades.

Continua na 4.ª página

Casa do Algarve

Sob a presidência do sr. Dr. Humberto Pacheco, reuniu a comissão de beneficência da Casa do Algarve, com a comparência de grande número de protectoras-assistentes, tendo deliberado, entre outros assuntos, iniciar a recolha de ofertas e donativos para a próxima distribuição do «Auxílio do Natal» aos algarvios necessitados residentes em Lisboa e para entrega à Cruz Vermelha Portuguesa, a favor das vítimas do terrorismo em Angola.

Em defesa da Indústria Nacional

A INDÚSTRIA nacional, desde há muito tempo e com sucessivas medidas tomadas por vários governantes, tem sido alvo das melhores atenções e cuidados, de maneira a conseguir-se aquilo que seria o supremo desiderato, isto é salvaguarda-la da concorrência da importação dos artigos fabricados no estrangeiro, dando-lhe margem não só para bastar ao mercado nacional, mas em casos mais escolhidos e bem apetrechados, colocá-la em condições de poder exportar e concorrer aos mercados estrangeiros!

Como quer que seja, o certo é, depois de tanto tempo passado e de tantas medidas tomadas, verificou-se que algumas delas que deveriam ter um carácter temporário, eram mantidas durante largo tempo, com prejuizo das indústrias incipientes, assim como outros processos de defesa, se genera-

Continua na 3.ª página

A Cidade de Tavira Homenageou no passado Domingo um seu ilustre filho, o escritor, poeta e humanista Dr. Coelho de Carvalho, descerrando-lhe uma lápide na casa onde nasceu

POR iniciativa da Casa do Algarve e com a colaboração da Câmara de Tavira, no passado domingo, dia 22 do corrente, foi descerrada, na antiga Rua Nova Pequena,

Antunes Cabrita, nosso ilustre conterrâneo, que naquele acto representava a Casa do Algarve, por motivo de doença súbita do sr. Dr. Maurício Monteiro, que lhe telegrafou soli-



A mesa de honra da sessão de homenagem ao Dr. Coelho de Carvalho

citando que lesse a Evocação a Coelho de Carvalho, expressamente escrita para aquela cerimónia pelo Presidente Honorário da Casa do Algarve e também nosso ilustre compatriota e amigo, sr. Major Mateus Moreno, trabalho que

Abriu a sessão o sr. Dr. Jorge Correia, presidente do município tavirense, que fez o elogio do homenageado, associando-se, em nome da cidade, à manifestação póstuma que lhe ia ser prestada pela Casa do Algarve.

Foi dado o uso da palavra ao sr. Coronel Carlos Ludgero

Continua na 4.ª página

Este número foi visado pela Delegação de Censura

Dos TT aos pontos nos II e ponto final...

Meu caro Virgínio Pires:

"O PROMETIDO é devido». Por isso, cá estou de novo, para, depois dos TT, por os pontos nos ii...

Antes, porém, permita-me o Virgínio Pires que ainda me refira aos TT do Garrett, embora por pouco tempo.

No já tão falado número do «Povo Algarvio», de 23 de Julho último, eu nada publiquei ou fiz publicar.

Como deve estar lembrado, V. aproveitou para esse número, especialmente dedicado ao Poeta Isidoro Pires, parte

duma carta que escrevi em Agosto de 1959 e que o Virgínio Pires entendeu fazer publicar, publicação que teve lugar no n.º 1.312 do dito «Povo Algarvio» e que veio à luz do dia em 31 do pretérito mês de Agosto.

Mas nesta originária publicação — a de 31 de Agosto de 1959 — aparece Garrett com os tais celeberrimos dois tt. Para se ver que assim é basta ler o referido número do mencionado jornal...

Ora, esta simples circunstância causa uma tremenda confusão, um horrível «embróglio»...

Vejamos: Está absolutamente assente que foi o meu Ilustríssimo Censor quem veio ensinar — a mim, a si, e a todo o tavirense — que Garrett se escrevia e escreve com dois TT, ensina-

Continua na 4.ª página

Sessão de Propaganda da União Nacional em Faro

PROMOVIDA pela União Nacional, realizou-se no Ginásio Clube Naval, em Faro, uma sessão política para apresentação dos candidatos a deputados pelo Algarve para a próxima legislatura que se inicia em 25 de Novembro.

A entrada dos candidatos na sala foi saudada com fortes aplausos da assistência que enchia literalmente a sala.

Presidiu à sessão o sr. Almirante Henrique dos Santos Tenreiro, figura prestigiosa da política nacional e grande amigo da nossa província.

Grupos de pescadores algarvios, com estandartes, não quiseram deixar de marcar a sua presença naquele acto, que era presidido por quem tanto tem protegido a classe piscatória, dando amparo a tantos lares humildes.

Aberta a sessão, falou em primeiro lugar o sr. Dr. Jorge Correia, seguido, respectiva-

Continua na 3.ª página

Banda de Tavira

Sob a regência de Sebastião Leiria, realiza esta Banda um concerto hoje, dia 29, das 15 às 17 horas, com o seguinte programa:

I PARTE

- La Bejerana - D. P. Sarano e Alonso
- Rosas e Espinhos - Abertura J. A. Pereira
- A Pavana - E. Luerna
- Vendedor de Passaros-Zarz. - C. Zeller

II PARTE

- Cantos Populares - Rapódia - F. Barros
- La Reverte - P. P. Encarnação

Até quando, vilanagem?

Continuação da 1.ª Página

com autonomia e já farto de contribuir para a comunidade desejou e obteve a sua independência? Desconhece aquele *ilustre* que a maioria dos seus milionários estiveram na União e que foi dali que levaram o ouro que os tornou grandes? Nesses tempos, e ainda hoje, a mão de obra é de Moçambique. São os moçambicanos que têm tornado possível que os milionários cresçam. Então, estes portugueses egressos à sua terra com todas as bugiças que lhe impingiam; com fortes doenças venéreas e sem vintém. É que perto das minas, cá em cima, estavam imensas lojucas de ingleses e boeres e muitas mulheres. Uns vendiam café, bebidas e toda a série de coisas que pudesse «encantar» o ouro que o moçambicano arrancara das entranhas da terra. E as mulheres também se vendiam nas mais imundas condições higiénicas. Nesta data não tinha nascido ainda o racismo entre aqueles *loiros*. Hoje, felizmente, o negro, ao regressar da União, traz saúde e dinheiro. Os tempos mudaram e os governantes estão vendo. É certo que este *ilustrado* nunca *lun* da sobre o nosso Ultramar, pois se tivesse lido algo do algarvio Julião Quintinha, que andou em África noutras épocas, sabia agora, que ao abrir a boquinha, como não entrou mosca, e foi pena, saiu forte asneira.

Por outro lado um repórter do «Daily Mail», ao saber que um padre protestante havia estado 20 anos em Angola, resolveu entrevistá-lo. Porém, este homem, embora sabendo que alguns irmãos seus tinham sido afastados de Angola, por não procederem como deviam, não disse ao jornalista mentiras como aquele desejava, então a entrevista não foi publicada. Ele só desejava mentirolos para os seus leitores. Por outro lado ainda, um jornal da Rodésia, o «African Mail», faz afirmações, indicando o nome dum negro de pele e de alma, que andava aliciando moçambicanos para a carnificina, e que havia estado na *alta escola do Ghana*. No entanto os naturais de Moçambique que se indicavam nesse jornal, negaram terminantemente, dizendo que nada tinham dito ao jornal nem que estavam dispostos a colaborar com aquele futuro terrorista.

E como a vilanagem não desarma, também o «Sunday Times» de Londres, afirmava que em Portugal, o Exército, esse brioso e valente, que luta honrosamente com alma e de coração em Angola, pretendia sublevar-se contra o regime Salazarista, encontrando-se já instalado na Serra da Estrela um «maquis» que recebia armas por contrabando, vindas dos rebeldes espanhóis e de Marrocos.

Não podemos duvidar que existe neste Mundo, eivado, uma série de conspiradores que desejam, a todo o transe, desacreditar o nome sacrossanto de Portugal e o pânico sobre os seus habitantes. E por ironia do destino, muitos dos que hoje nos atacam, têm recebido dádivas dos portugueses, sempre que à porta lhes tem batido a desgraça.

Mas para que o nome de Portugal continue sendo grande, logo aparecem aqui e ali mesmo no estrangeiro, homens de palavra e que sem que se lhes peça, logo se prontificam a escrever a certos jornais, desmentindo-os. E assim, teremos que transcrever a carta dum alemão, Johannes Manhardt, que viveu 40 anos em Angola e que agora em Munique,

disse: Desejo, em primeiro lugar, apresentar os meus cumprimentos ao «Mucher Merkur»; ao contrário do que se passa com a maior parte dos grandes jornais alemães, não deixa de inserir notícias sobre a situação de Angola. Devo também dizer que é difícil, para os jornalistas e jornais — que anteriormente elogiaram Angola e os portugueses como único povo que sabia governar o seu ultramar e que frequentemente exprimiam a opinião de que ainda reinaria longa paz e sossego em Angola — dar notícias sobre a insurreição e o terror sangrento que ali reina. Isto para não falar daqueles que atribuem as culpas da presente situação, aos portugueses...

Não é minha intenção criticar, com esta carta, os artigos do sr. Schreeder (Bona) publicados nesse jornal, pois ele podia virar o bico ao prego e censurar-me, com a alegação de que eu estou pessoalmente interessado no caso e que, por conseguinte, sou parcial. Nisso tem ele inteira razão. Vivi quarenta anos em Angola e trabalhei sempre em paz, tanto com proprietários brancos como com os indígenas — paz que, a dizer a verdade, já não existia no resto do mundo. Não nego, portanto, ao sr. Schreeder que os seus artigos não tenham alguma razão de ser — apenas, no que respeita aos portugueses, a guerra raivosa que lhes movem não é exemplo edificante. E se aquele jornalista tivesse vivido na região assolada pelos terroristas, com a sensação permanente de poder ser assaltado e assassinado, juntamente com a mulher e os filhos, de uma maneira especialmente requintada, talvez da sua pena não saíssem considerações tão pouco filosóficas sobre os acontecimentos de Angola. Claro que sempre se pode observar tudo de dois ângulos. De resto, pouco há a dizer dos artigos. Se a pesar de tudo, exprimo a minha opinião, é por razões completamente diferentes.

Os portugueses, sob o Governo de Salazar, são um dos poucos povos que não se têm entregado à difamação dos alemães. Recusaram-se a isso, apesar da pressão exercida sobre eles para se imiscuirem nos assuntos alemães e aproveitarem a oportunidade para enriquecerem com a propriedade privada alemã. Em 1954, Portugal abriu aos alemães as portas das suas possessões ultramarinas — única nação a fazê-lo — ajudando-os a fundar ali uma existência decente.

Eles, portugueses, e nós, alemães estabelecidos em Angola, esperávamos, penso que com toda a razão, ver escrito nos jornais alemães que estes factos eram dignos do mais sincero agradecimento. E deve merecer o nosso respeito o facto de um país tão pequeno como Portugal, não ter lançado fora as armas e fugido, como fizeram os belgas no Congo.

Fora do mundo comunista, poucos jornais atribuem culpas da insurreição em Angola a Portugal. O facto do Presidente dos Estados Unidos ter ordenado o voto contra Portugal, ao lado dos russos, é um dos acontecimentos inexplicáveis da política ocidental. Em todo o caso, este apoio aos terroristas ainda provocará mais vítimas. Se os portugueses tivessem abandonado Angola, a primeira consequência imediata seria uma crise de fome e a segunda uma luta de morte dos nativos, uns contra os outros. É-me indiferente o que venha a acontecer a esta carta. Se ela for lida, fica-me

Assinala o «Povo Algarvio»

Escola Técnica de Tavira

Continuação da 1.ª Página

— No passado dia 24 deste mês chegou a esta cidade, uma avultada remessa de material escolar, do mais moderno que se tem fabricado em Portugal para os estabelecimentos de ensino técnico, no valor de cerca de 50 contos, esperando-se que em breve, novas remessas cheguem, isto em satisfação de um pedido feito este ano, pelo sr. Dr. Jorge Augusto Correia, incansável defensor da criação desta Escola Técnica.

— O 1.º Centro de Interesse, para 1961-1962, deste Estabelecimento de Ensino, será o Natal. Para o que, os alunos já iniciaram trabalhos de confecção de um Presépio.

— Todos os alunos encontram-se filiados nas prestimosas organizações da M. Portuguesa, feminina e masculina, esperando-se disto, largo alcance educativo para os mesmos.

— Encontram-se presentemente, apenas três vagas entre o corpo docente desta Escola, as quais deverão ser em breve preenchidas.

— O vestuário onde se instalaram os serviços docentes da Escola, e que é conhecido pelo Palácio da Galeria, pode considerar-se como tendo algumas condições para o efeito, mas como é de esperar que dentro de poucos anos a população escolar aumente consideravelmente, sugere-se que se iniciem em breve, as obras de construção de amplo e conveniente edifício.

Julgamos que, a Câmara de Tavira, que tem à sua frente a figura de homem público bem destacada pelas suas notáveis qualidades de realizador e de inteligência, e que se chama Dr. Jorge Augusto Correia, conseguirá essa segunda e última importante realização, — a construção de um novo e próprio edifício escolar — que coroará o êxito que foi, da inauguração desta escola, em 1961, como assinalámos, com tanto aprazimento de todos os tavirenses.

— As aulas têm tido início, todos os dias úteis, às 9 horas, e vem-se sucedendo, com uma pontualidade rigorosa, esperando-se que do seu óptimo corpo docente, se diplomem com eficiência, muitos dos nossos jovens que as frequentam.

— Graças às actuais medidas legislativas, ficaram isentos do pagamento de propinas em 1961-1962, 35 alunas.

— Até ao dia 26 deste mês, os registos cadastrais dos alunos, ainda não incluíam nenhum castigo, mesmo insignificante, o que traduz uma indole disciplinada e bondosa das nossas massas escolares, que muito nos desvanece referir.

— Para 1962-1963, consta-nos que novas e inúmeras insenções de propinas serão distribuídas como prémios de aproveitamentos escolares, etc.

— A assiduidade dos alunos, desde o início do actual ano lectivo, tem sido surpreendente, pois apenas se verificou uma meia dúzia de faltas, a outras tantas aulas, apesar de grande número de alunos residirem longe da cidade.

— A secretaria da Escola, funcionará ainda durante o próximo mês de Novembro, na Câmara Municipal de Tavira.

Pomar, arrenda-se

No sítio da Sinagoga, próximo da estrada Santo Estêvão — Tavira.

Tratar com Luís Arrais.

Recebem-se propostas, reservando o direito de não entregar se o preço não convir.

a satisfação de, pelo menos, ter tentado pagar parte de uma dívida de gratidão».

— Leitor amigo e bom português, vê como esta carta tem partes tão altamente engrandecedoras para nós. Vê como ele afirma que somos um pequeno país, mas que não nos entregamos à difamação, que apenas nos interessa o nosso viver ordeiro e que bem merecíamos o respeito do Mundo, por não termos deitado fora as armas e fugido, como fizeram os belgas.

Não vale a pena mais comentários. Se és sentimental e se tens alma nacionalista e se conheces algo da História do teu País, deves verter lágrimas de alegria ao leres as palavras ditas por um alemão acerca da tua Terra, agora tão necessitada do teu amor e do teu sentir patriótico, para que o inimigo vil a não retalhe e para tornares mais verdadeiro o lema do Épico: «e julgáreis mais excelente, se ser do mundo Rei, se de tal gente».

O Dr. Coelho de Carvalho

algarvio e tavirense insigne

Continuação da 1.ª Página

guiu que fosse nomeado o seu parente João de Carvalho Ferreira para administrador no Algarve da referida companhia (In «Um século de história da Companhia de Pescarias do Algarve, Faro, 1953, Dr. Miguel António Galvão»).

Aqui está a razão por que a sepultura do ilustre algarvio ostenta um brasão com as armas dos Carvalhos: «de azul, estrela de oito pontas de ouro dentro duma caderna de crescentes de prata, tendo por timbre um cisne de prata, armado e membrado de ouro e com a estrela do escudo no peito», os mesmos símbolos heráldicos que figuram nas armas de Sebastião José de Carvalho e Melo.

Esse brasão usou-o Coelho de Carvalho para mais o honrar e enobrecer; não com feitos guerreiros do género daqueles que praticaram alguns dos seus antepassados nas lutas da Reconquista e na defesa das praças portuguesas do norte de África, mas especialmente com o prestígio da sua pena de escritor e académico.

Apenas com vinte e três anos publica, em 1875 o seu primeiro livro, a «Generalização da história do direito romano», onde revela já o seu acentuado pendor para as letras. É a actividade literária de Coelho de Carvalho iniciada-se cheia de fecundidade, como o fruto natural do seu grande talento e da sólida cultura que foi adquirindo, que vai desde a poesia, à arte de Talma, fazendo representar no Teatro Nacional de Dona Maria, com aplauso, algumas das suas peças, à crítica de arte, à tradução das *Éclogas* de Virgílio, de uma das obras de Shakespeare e das poesias do sueco Bjarkman, a dezenas de prefácios que escreveu para livros de novos poetas e escritores que mais tarde se haviam de notabilizar, às crónicas de viagens, ao jornalismo e até a um novo método de leitura, por meio do qual ensinou alguns rapazes de Ferragudo, onde tinha o seu castelo de sonho, debruçado sobre as águas tranquilas do Arade.

Na sua obra «Gram Doulos», revela bem a solidez dos seus conhecimentos e a inspiração do seu estro poético, a dar das suas tendências humanísticas que fazem dele um desses «magos das letras» do período distante do renascimento.

Paralelamente, revela-se um espírito combativo e cheio de personalidade — uma personalidade inconfundível.

A Coelho de Carvalho se ficou também devendo o serviço altamente patriótico da reocupação portuguesa do Zaire quando, por morte do Governador geral de Angola, Capitão de Fragata António Eleutério Dantas, em Junho de 1882, dessemperhou essas elevadas funções como secretário-geral que era dessa província ultramarina, não obstante ter para isso de desobedecer a instruções superiores recebidas sobre a matéria, altamente influenciadas pela então poderosa Inglaterra (In «O Dr. Coelho de Carvalho e a ocupação portuguesa no Zaire, pelo Contra-almirante A. Aprá, artígo» transcrito no jornal «Correio do Sul» de 17-8-1961 do jornal «República»).

Na veneranda Universidade de Coimbra onde se formou em direito, exerciu as altas funções de seu reitor magnífico e a ilustre Academia das Ciências de Lisboa abriu-lhe as suas portas de par em par, elegendo-o académico de número, seu presidente e depois sócio emérito, cuja passagem

ficou assinalada pelo brilho das suas comunicações e orações académicas.

Com banca de advogado em Lisboa, era porém no seu castelo do Arade que o Dr. Coelho de Carvalho residia a maior parte do ano, para fugir ao bulício da capital e às tertúlias dos cafés, tais como do Martinho e da Brasileira do Chiado, onde aliás pontificava, numa grande roda de intelectuais, admiradores da sua apimorada cultura e da sua interessantíssima conversação — a conversação de um espírito superior.

Nesse castelo recebe grandes figuras da literatura e das artes, não só nacionais como estrangeiras, pois a sua obra de há muito tinha transposto as fronteiras pátrias, contando sobretudo em Espanha, já desde o tempo em que esteve à frente do consulado português em Huelva, um elevado número de admiradores que lhe dispensaram importante e significativa manifestação de apreço.

Em 18 de Julho de 1934, com a idade de 82 anos, a parca roça em Coelho de Carvalho as suas asas cinzentas e privou da vida terrena, em pleno castelo do Arade.

Nesse dia deixava de ser contado no número dos vivos, sendo o seu passamento muito sentido, pois como ele se apagava uma chama que iluminou profusamente as inteligências e os espíritos da sua época. E lá foi a sepultar num simples coval, em campa razea, esse príncipe das letras pátrias que, sem a menor dúvida, foi uma figura que se soube impor à consideração das camadas cultas do seu tempo, legando-nos uma obra vasta e valiosa.

As homenagens prestadas foram portanto, a todos os títulos bem merecidas e, ainda, por constituírem uma lição para a juventude de hoje, mostrando-lhe quanto valem os expoentes espirituais e intelectuais num mundo que apesar do seu extraordinário progresso científico, se contorce e afoga no materialismo quando, afinal, «nem só de pão vive o homem».

Olhando para a obra do Dr. Coelho de Carvalho, e os homens conhecem-se através das suas obras como as árvores pelos seus frutos, constata-se que o seu nome ainda vive como se a sua figura continuasse no mundo dos vivos a espalhar os lampejos da sua inteligência e os primores da sua bondade.

Nota — Na elaboração deste artigo servimo-nos, também, de alguns apontamentos e documentos consultados na casa do Algarve, em Lisboa.

Rotary Club de Faro

Sob a presidência do sr. Francisco Guerreiro Barros, secretariado o sr. Arthur Serrão e Silva, teve lugar a reunião semanal do Rotary Club de Faro, à qual assistiu elevado número de membros rotários.

Ao iniciar os trabalhos o presidente abordou vários assuntos de interesse rotário, anunciando que foram votados e aceites por unanimidade seis candidatos que vão ser convidados a ingressar no Club.

Depois do secretário ter lido o expediente foi aberto o período de actualidades e comunicação durante o qual usaram da palavra os srs. Drs. Eduardo Mansinho, Rocheta Cassiano, Janeiro dos Reis e Benigno Cruz.

Por ser véspera de feriado e dada a ausência de elevado número de rotários não se realiza reunião na próxima semana, a qual terá lugar no dia 7 de Novembro, sendo palestrante o sr. Dr. Rocheta Cassiano, que versará o tema «O Problema do Existencialismo». Fará o comentário da palestra o sr. Dr. João de Passos Valente.

Dos II aos pontos nos II e ponto final...

Continuação da 4.ª página

tal como 'o referi, o Ilustríssimo Censor não me atacou: atacou, sim, Isidoro Pires. Mas como o Poeta já havia falecido na data do ataque, ele, o Censor, praticou um «crime impossível»...

Como já disse acima e a edificante carta do meu Ilustríssimo Censor mostra exuberantemente, o mesmo censor pretendia dar — e não deu — uma definição científica de saudade.

Mas desse ou não desse tal definição, não percebo o a propósito do seu intento que faz lembrar aquelas anedotas dos surdos que não compreendendo as perguntas que lhes fazem dão respostas absolutamente desconexas.

Já o disse e repito-o ainda uma vez: a concepção que Isidoro Pires tinha de saudade era a que referi. Perfilhei-a? E o que tinha ou tem o meu Ilustríssimo Censor com isso? Ou ele quer, estultamente, que toda a gente perfilhe as suas doutoriais concepções? Como já li, a palavra saudade «exprime misteriosa multiplicidade de sentimentos».

Sendo assim, a concepção dessa palavra varia de pessoa para pessoa, conforme os sentimentos que em cada um exprime. E porque essa expressão pode variar e varia de indivíduo para indivíduo, daí a concepção que cada um tem, ou pode ter, de saudade. Logo, é pura estultícia do meu Ilustríssimo Censor querer impor a concepção «sua generis» que ele tem, ou fabricou, de saudade.

Adiante: Em seu altíssimo saber e na sua divina sabedoria, o meu Ilustríssimo Censor afirma que «se o amor morreu, não há saudade». É isto o que tem de se concluir, necessária e fatalmente, da sua suculenta prosa.

Efectivamente, na sua filosófica carta (digo filosófica porque hoje é de bom tom «alcanhar» de filosófico tudo quanto é confuso) o meu Adorável Censor diz textualmente:

«...então se esse amor morreu onde está a saudade? Com certeza, no cemitério...»

E depois desta fúnebre ironia (não digo, de cangalheiro...) o meu Divino Censor, acrescenta: «E o que é, pois, a saudade? É precisamente (...) a sobrevivência dum sentimento de amor, de um afecto, à morte (...).»

Consequentemente, para o meu Ilustríssimo Censor, logo que o amor morre não há, nem pode haver, saudade.

Em síntese, é isto o que em sua sapientíssima atitude, entende, «urbi et orbe», o Ilustríssimo Censor.

Ora, a ideia de saudade está ligada à ideia do desaparecimento, da morte, quer do amor sentimento, quer do amor, significando o objecto, o ser amado.

A saudade surge com a morte, o desaparecimento desse amor. Ela não é «sobrevivência» do amor: — é, sim, outro sentimento que aparece, substituindo aquele de amor que morreu, que desapareceu com a morte do ser amado.

«Morre o amor. Vive a saudade», escreveu um poeta a que ainda me referirei. Síntese preciosa do que se passa e que contradiz, «em cheio», a ciência do meu Ilustríssimo Censor.

Todavia, o Ilustríssimo Censor entende que logo que o amor morre, não há, nem pode haver, saudade.

Ante tão altíssima e, por isso, convincente opinião, tenho de concluir que todos aqueles que têm dito o contrário estão estupidamente errados.

Sim, meu caro Virgínio Pires, a lista dos que estão em oposição ao meu Ilustríssimo Censor é razoável. Pois bem. Todos eles estão errados; todos, absolutamente todos só disseram asneiras.

Quer o Virgínio Pires ver? Aqui o tem:

Antes de mais e porque a «justiça para ser boa, começa pelos de casa», citarei o M. G., que não sei quem é, mas que no n.º 1422 do «Povo Algarvio», escreveu:

«Outra coisa que não percebemos é porque o amor que morreu não pode deixar saudade. Se o amor é o objecto amado, não há de deixar saudade a sua morte? É boa! E se o amor é o próprio afecto, uma vez morto, também deve deixar saudade a recordação duma ingenuidade que em certo tempo nos deu a noção de ventura, mesmo illusória...»

Depois, vejamos o que sobre a saudade escreve Guerra Junqueiro, em «Os Simples», pags. 74, 10.ª Edição:

O meu amor escondi-o
Numa cova ao pé do mar...
Morre o amor, vive a saudade...
Morre o sol, olha o luar!...

E esta? Morre o amor, vive a saudade. Ora bolas para o Junqueiro. E eu a julgar, como sempre julguei, que ele tinha talento!...

Foi preciso despontar em Tavira o meu Ilustríssimo Censor pa-

ra eu compreender que estava errado e que o Guerra Junqueiro só dizia asneiras!...

Passemos agora a Teixeira de Pascoais. Diz ele a pags. 45, do seu «Regresso ao Paraíso»:

Aqui, no País da Noite / Da Saudade da Vida, as criaturas / Sofrem a dor da sua imperfeição.

Que tal? Esta das saudades da vida... se a vida desapareceu!...

Repare-se que se está no Reino onde «Satan consome o fogo dos seus dias / cuidando com amor / Do martírio das almas que aos Infernos / chegam da Terra em ondas e tumultos».

Aqui, no «Reino de Satan» as almas da vida passaram a ter saudades... da vida que perderam...

Vejamos a seguir, Alfrânio Peixoto, nas suas «Trovas Brasileiras», quando escreve: *Tudo muda neste mundo / Só meu mal não tem mudança / O bem de ontem é saudade / O bem de hoje é esperança».*

Mas se o «bem», o amor, digamos, é de ontem, é porque, hoje, está morto Apesar disso, é... Saudade! Porque o de hoje sobrevivo ou não, é «esperança».

Mais um a ser desmentido, aqui, nas margens do Gilão, pelo grito altissonante do meu Ilustríssimo Censor.

E deixemos Aquilino Ribeiro; e olvidemos Machado de Assis; e abandonemos Camilo; e esqueçamos Júlio Dinis.

Esta carta já está grande e já se gastou cera de mais.

Posto isto e demonstrado como ficou que a razão, a sublime razão, pertence, toda ela, ao meu Censor, atentemos no outro ponto em que ele — o Ilustríssimo — me zurze.

Arrogantemente, magistralmente, proclamou ele:

«Não é o sentimento de saudade que se diz ser português mas sim a palavra saudade em toda a riqueza de expressão que contém». É mais à frente: «A saudade, sentimento, não é pois monopólio ou exclusivo dos portugueses».

Mas, oh meu caro Virgínio Pires: onde é que foi dito que a saudade era só dos portugueses? Com franqueza, não nos entendemos.

Eu disse, de facto, que a saudade era um portuguêsíssimo sentimento.

Com tal afirmação não quis dizer, porém, que esse sentimento era exclusivo dos portugueses. Quis significar, sim, que a saudade, para o português, tem características especiais.

Ora já o pergunta M. G. no citado local, *porque todos os povos e animais a sentem, não pode a saudade ser um sentimento bem português?*

Mas ainda que quisesse significar — e não quiz, repito — o apontado exclusivismo, estaria, mais ou menos, de acordo com Carolina Michaëlis de Vasconcelos que escreveu:

Pela carta dirigida por D. João da Silva e Meneses a D. Magdalena, vê-se às claras que em 1593 a saudade já passava por ser um vocábulo privativamente português e denominava um sentimento doce-amargo, também privativamente português!

Contudo, não quis dar-lhe tal significação.

Aliás, acima, muito acima da pobre inteligência e reduzido saber de Carolina Michaëlis está a clarividência, a transcendental inteligência do meu Censor!

M. G., Guerra Junqueiro, Carolina Michaëlis e todos os outros, rasgai os vossos escritos e obras! Daqui para o futuro, eles jamais resistirão aos postulados do meu Ilustríssimo Censor.

E basta. Ponto final nesta questão que alguém graciosamente, quis levantar em volta do meu nome, para me tornar conhecido em Tavira, onde tão desconhecido sou. Bem haja!...

Seu amigo ex-corde
Carlos Picoito

VENDE-SE

Por motivo de retirada, barco a motor de passageiros, que também serve para agência de vapores ou pesca. Motor de 75 H. P., estado novo. Estando a trabalhar entre Faro e suas praias. Vende-se por metade do seu valor.

Tratar na Rua do Compromisso 70 — Faro.

Arrenda-se ou Vende-se

Uma courela com casas e terra de semear e árvores de fruto, figueiras, amendoeiras, ameixeiras, etc., no sítio de Belo Monte, freguesia da Luz.

Quem pretender dirija carta ao seu proprietário, José Eleutério Serra — Castro Verde.

Notícias Pessoais

ANIVERSÁRIOS

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Mercedes Lopes Guerreiro, D. Maria Celeste Lopes Lourenço, menino João Feliciano Peres da Fonseca Soares e os srs. Renato Eusébio Eugénio Quaresma e Custódio Filipe Canseira.

Em 30 — D. Carolina Maria Araújo Dias, D. Isabel dos Santos Esteves e sr. José Gonçalo.

Em 31 — D. Maria Susela Quintino Dias e Mlle Maria Manuela Galvão Cansado.

Em 1 — D. Maria José Horta Ramos Rodrigues, D. Maria dos Santos Venâncio Galhardo, D. Maria dos Santos Lopes e os srs. Eduardo dos Santos Ramos, Joaquim Augusto dos Santos e Felício António dos Santos.

Em 2 — D. Maria Isabel Correia e o menino Jorge Eduardo das Chagas.

Em 3 — Dr.ª D. Maria Ana Faleiro Magalhães Palma Rodeia e os srs. Manuel Alexandre dos Santos Júnior e António Pacheco de Mendonça.

Em 4 — D. Lúcia do Nascimento Leiria, D. Júlia dos Santos, D. Maria dos Anjos Magro Caetano Gonçalves, Mlle Maria Margarida Galvão Cansado e o sr. Idalécio Carlos Martins.

Partidas e Chegadas

Após ter passado o seu habitual período de férias na sua Quinta de Bernardinho, regressou à sua casa de Lisboa, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Capitão António Pedro de Brito Aboim Vila Lobos, abastado proprietário.

Com curta demora esteve no Algarve, o nosso ilustre conterrâneo e prezado amigo sr. Dr. José Ascensão Contreiras, distinto médico hidrologista, residente na capital.

De visita a sua mãe encontra-se nesta cidade o nosso velho amigo e conterrâneo sr. Doutor Jorge Manuel Neves Melo Brás, distinto médico Ginecologista, residente em Lisboa.

Pedido de Casamento

Pelo sr. Henry Smith foi pedida em casamento para seu filho, sr. Dr. John Alex Smith, professor na Universidade de Ludo (Inglaterra) a sr.ª D. Selma Francisca Pousão Lopes, virtuosa e gentil filha da sr.ª D. Raquel Pousão Ramos Lopes e do nosso prezado amigo e colaborador sr. Dr. Francisco Fernandes Lopes, ilustre escritor.

Casamento Elegante

No passado dia 21 do corrente, celebrou-se em Faro, na igreja do Carmo, o auspicioso enlace da sr.ª D. Maria do Amparo Davim Lyster Franco, gentil e prendada filha da sr.ª D. Silvina Agueda Rodrigues Davim Lyster Franco e do sr. Dr. Mário Lyster Franco, ilustre Director do nosso prezado colega «Correio do Sul», com o sr. Luís Filipe Veitas Costa, filho da sr.ª D. Irene Pinto Rosa Veitas Costa e do sr. Luís Veitas Costa, já falecido.

Paranifaram o acto, por parte da noiva, seus pais, e, por parte do noivo, sua mãe e o sr. Arquitecto Mário G. Santos Costa.

Foi celebrante o Rev. Prior António do Nascimento Patrio, que pronunciou, no decorrer da cerimónia, uma brilhante alocução.

Após o casamento foi servido um finíssimo «Copo de Água» em casa dos pais da noiva aos numerosos convidados, servido pela Pastelaria Gardy, de Faro.

Os cônjuges seguiram em viagem de núpcias para o Norte do País, fixando a seguir a sua residência na capital.

Ao novo casal e a seus pais desejamos muitas felicidades.

Batismo

Sendo celebrante o rev. Padre Jacinto Rosa, realizou-se no passado dia 28 de Setembro, na igreja de Santiago, desta cidade, o baptismo dum filhinho do sr. Sebastião Fernandes José, funcionário da Caixa Geral de Depósitos, e de sua esposa sr.ª D. Mariete do Céu Santana Cordeiro Fernandes.

O neófito, que recebeu o nome de Eduardo Cordeiro Fernandes José, foi apadrinhado por sua tia, sr.ª D. Célia Maria de Santana Cordeiro, e seu avô materno, sr. Alfredo Augusto Cordeiro.

Doença

Tem passado incomodada de saúde a sr.ª D. Luzia Virgínia Lagoas, proprietária e nossa assinante, residente nesta cidade.

Fazemos votos pelas suas rápidas melhoras.

Necrologia

Vítima de desastre, faleceu no passado dia 16 do corrente, a sr.ª Maria das Neves Correia, viúva, servicial há muitos anos da casa do sr. Comandante Henriques de Brito.

Era mãe dos srs. João Pires da Maia Correia, Augusto Correia e da sr.ª Maria Julieta Correia.

Faleceu no Hospital da Casa dos Pescadores de Olhão e os seus res-

Sessão de Propaganda da União Nacional em Faro

Continuação da 4.ª Página

mente, dos srs. Dr. João Cardoso, Coronel Sousa Rosa Junior e, para encerrar a sessão, falou o sr. Almirante Henrique Tenreiro.

As afirmações que ali se produziram foram verdadeiras lições de patriotismo, eloquentes manifestações de fé na política de Salazar e exuberantes anseios de progresso para a terra algarvia.

A assistência interrompeu por diversas vezes os oradores, manifestando-lhes com fortes aplausos o seu apoio às expressões produzidas.

A sessão terminou entre vivas e aplausos, entoando a assistência, de pé, o Hino Nacional.

No final, os candidatos a deputados pelo Algarve foram muito cumprimentados.

Dada a hora a que a sessão terminou e por motivo de atraso na composição do nosso jornal, não nos podemos, como desejaríamos, expandir mais sobre esta grande sessão de propaganda política levada a efeito pela União Nacional, que teve a assistência das figuras mais relevantes da província do Algarve.

OS CARLOS

O Grupo Onomástico «Os Carlos» comemora em 4 de Novembro próximo, dia de S. Carlos, seu patrono, o XXXI aniversário da sua fundação, com diversas cerimónias.

Pela efeméride felicitamos aquele simpático Grupo, com votos de muitas prosperidades, agradecendo a gentil oferta de 30\$00 que nos enviaram para distribuímos pelos nossos protegidos.

Moridade Portuguesa Feminina

No dia 2 de Novembro, às 10 horas, na igreja de Santa Maria, por determinação do Comissariado Nacional, a Subdelegacia da Ala 5 de Tavira manda celebrar missa por alma dos Portugueses caídos nas nossas Províncias Ultramarinas.

A todas as Dirigentes, filia-das e mais pessoas que se dignarem assistir desde já se agradece a comparência.

Agradecimento

A viúva, filhos e netos de José Ramos Peres, na impossibilidade de o poder fazer pessoalmente vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo à sua última morada e, bem assim, a todos que directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

MEL — COMPRO

Rua José Joaquim Jara, 1 — Tavira.

ALUGA-SE

Uma garagem, que também serve para qualquer ramo de negócio.

Quem pretender dirija-se a Adriano Baptista Santos, Praça Dr. António Padinha — Tavira.

HERDADE

Com a área de 812 hectares. Denominada «Caiada». Terras de semeadura, atravessada por grande ribeiro. Situada entre Almojovar e Mértola. Vende-se.

Dirigir a António Caupers — Largo 5 de Outubro — Estremoz.

tos mortais foram conduzidos em auto-fúnebre para o cemitério desta cidade, tendo-se o funeral realizado no dia 18, com grande acompanhamento.

À família enlutada e em especial ao nosso assinante sr. João Pires da Maia Correia, endereçamos sentidos pésames.

Em defesa da Indústria Nacional

Continuação da 1.ª página

lizavam de uma maneira perigosa para os que se tirham abalancado a grandes cometimentos, e viam os seus rendimentos cerceados por uma concorrência de beneficiados á sombra de leis que eram interpretadas abusivamente, criando um estado de espirito e de coisas que permitam aos pescadores de águas turvas de todos os quadrantes, beneficiar á tripa forra, com manifesto prejuizo dos que dedicam os seus cabedais e os seus esforços de harmonia com as leis que procuravam justamente beneficia-los, mas que na prática redundavam, por abuso e má interpretação, em seu prejuizo!

O Governador, pela promessa sempre constante do procurar remediar o que está mal e esforçando-se por acertar no que mais vantajoso fór para o País, em todos os sectorer e particularmente naqueles que possam auxiliar o trabalho e os produtos nacionais, resolveu-se, pelos três Ministérios, Finanças, Economia e Comunicações, a tomar medidas justas e aplicáveis ao geral das indústrias, de maneira o põ-las a coberto de «fugas» e dando-lhes prestimoza assistência e protecção, para seu desenvolvimento!

Assim mormente no capítulo de isenções no regime de importação, foram tomadas medidas para que só possam beneficiar da redução de direitos de importação, ou mesmo de isenção total, em primeiro lugar certas mercadorias de reconhecida aplicação social, digamos assim, ou artística, para a confecção de monumentos ou obras que que interessam particularmente o progresso e o desenvolvimento do país; segundo lugar, aquelas empresas que iniciaram os seus trabalhos e requeiram, para a sua manutenção e desenvolvimento, elemento que não se fabrique em Portugal, ou matérias que as mesmas possam manufacturar e apresentar os seus produtos em condições de serem aceites nos mercados internacionais. Isto é, caducam os benefícios para os abusos e dá-se á indústria nacional a possibilidade de melhor mercado nacional e estrangeiro, mas pondo-lhe como condição «sine qua non» um marcado progresso e um uso honesto dos principios de defesa que se lhe oferecem para garantir a sua vida e o seu desenvolvimento!

Não são abrangidas pelas novas disposições legais, todas as mercadorias importadas ao abrigo de convenções internacionais, as que se destinem a instituições beneficentes e de assistência, como a Cruz Vermelha, os materiais destinados a obras de monta e interesse nacional, como a Ponte sobre o Tejo e as infra estruturas comuns da Nato, e aquelas que se provar estarem dentro deste espirito de reconhecido beneficio social. De resto, raras deverão ser as excepções.

A produção nacional, fica assim salva-guardada, e pode dedicar-se, progressivamente, melhorando os seus produtos, a abastecer o mercado sem receio de concorrências desleais ou favoritismo, e até de se colocar em situação de levar os nossos produtos ao estrangeiro,

LVC

Emílio Campos Coroa

Médico especialista

Doenças dos Olhos

Consultas em Tavira, no Montepio dos Artistas, todas as sextas-feiras pelas 11 horas

Continuação da 5.ª página

mento que foi ministrado através duma erudita carta, publicada no número 1.421 do «Povo Algarvio», de 24 de Setembro p. p.

Mas sendo assim — e assim é, na verdade — qual a razão por que saiu Garrett com dois TT na já citada publicação do «Povo Algarvio», em 31 de Agosto de 1959?

Depois de muito cogitar, cheguei à conclusão de que essa diferença se deveu a um fenómeno de Metempsicose...

Simples, como vê. Deixemos, porém, os TT e passemos a um novo capítulo.

Logo que veio a lume a carta do meu Ilustríssimo Censor, diversas pessoas, entre elas dois nossos Amigos aqui de Faro, manifestaram-me a sua veemente repulsa por tal carta, apodando-a de incorrecta, de atrevida e de acintosa, acrescentando alguns, até, que eu não devia responder, por, segundo eles, o silêncio do desprezo ser a melhor resposta...

Todavia, não concordei com essas pessoas, ainda que lhes tivesse agradecido a sua solidariedade.

Não, meus Caros Amigos!... Tenhamos calma e apreciemos o «CASO» em concreto. É certo que V. V., em «caso análogo», usariam doura correcção, doura «verticalidade», como diria ou dizia um meu antigo companheiro, hoje ilustre médico na planície alentejana.

Mas relativamente ao presente «CASO» não há incorrectão alguma. A carta — a tal... é académica e o seu autor irreprensivelmente COR-TÉS.

E sabem V. V. — nos V. V. incluo o meu Caro Virgínio Pires por quê?

Sómente por isto: — CADA UM DÁ O QUE TEM.

Quanto ao atrevimento que V. V. descobriram na Espontânea confissão do meu Ilustríssimo Censor, de que não conhece a obra do Poeta, também — desculpai-me Amigos... — não concordo com ela.

Meus Caros Senhores! A razão falta-lhes, de todo em todo, quando se admiram e, mais ainda, se revoltam contra a atitude do Ilustríssimo Censor que, não conhecendo a obra de Isidoro Pires, meteu o bedelho em assunto que lhe era estranho — e publicado Cerca de Dois Anos Antes — só para me atacar.

E sabem o motivo da apontada falta de razão? Não sabem? Pois bem, eu explicarei: O meu Ilustre Censor é presciente.

Ora, vai daí, o meu referido Censor, como presciente que é, já antes de ler a obra do Poeta a conhecia... toda, absolutamente toda... sem lhe faltar uma vírgula, um ponto e vírgula, etc., etc.

Há ignorância nisto? Não! Há, sim, Divina e Invejável — Presciência.

E se não fosse essa presciência, eu teria de dar razão ao Ilustríssimo Censor, quando, na sua edificante carta, afirma que a ignorância dos homens, ignorância que tão atrevidos os torna, é maior ainda que a respectiva sabedoria.

Mas não! Ignorância, nunca! Presciência, sim, presciência é que ele tem.

Simplesmente, o que é feio, feíssimo até, é a irsinação feita pelo meu Ilustríssimo Censor, de que Isidoro Pires não teria dito ou escrito que «a saudade é a distância dum amor que já morreu».

Isto é feio e já era horrivelmente feio no tempo da trisavó do meu Prescientíssimo Censor. Neste ponto, a sua presciência falhou, não tanto — é bem certo — por ela, como — mais certo é ainda — pela vontade indômita de cortês e sabiamente me stacar. O seu a seu dono...

Mas já que falamos na fa-

lha da presciência do meu Ilustríssimo Censor, trascrevamos a quadra de Isidoro Pires:

A distância não apaga
Muita luz que houve no céu...
A saudade é a distância
Dum amor que já morreu.

E se, apesar de tudo, o meu Ilustríssimo Censor ainda duvida da autoria dessa quadra, ele que a vá ler ao livro «Versos», de Isidoro Pires, a pag. 25.

Relativamente ao acinte que os meus referidos Amigos viram na carta do Ilustríssimo Censor, igualmente não vejo razão para semelhante descoberta.

É verdade que argumentavam com certa inteligência; e verdade é também que em «situação parecida» eles teriam procedido de outro modo.

Efectivamente, segundo as já mencionadas pessoas, a crítica, neste caso a Censura, de qualquer escrito publicado, deve limitar-se, circunscrever-se, ao assunto contido no aludido escrito, pondo de lado, abstraindo, não atacando a pessoa do seu autor. Só assim se entenderia e entende a crítica — no caso, a Censura — séria e honesta.

E esse dever, imposto a toda a gente, ainda seria e é mais imperioso quando Censor e Censurado se encontram de relações cortadas,

Ora, os meus preditos amigos sabiam que eu cortara relações com o meu Censor há mais de um ano.

E daí o afirmarem que seria mais correcto aquele Censor tomar uma de duas atitudes: — ou abstrair-se de se intrometer no assunto, ou, intrometendo-se, manter a necessária correcção, a indispensável isenção, sem pretender rebaixar, rebaixando-se a si próprio, sem visar o aviltamento alheio, aviltando-se a si mesmo. E porque o meu Censor não procedeu assim, os tais meus Amigos opinaram que eu não devia responder-lhe.

Mas Amigos (e neles incluo novamente o Caro Virgínio Pires) V. V. estão errados, completamente, totalmente, redondamente erradíssimos.

Poderiam, de facto, ter razão se a argumentação que apresentaram e que acabei de referir visasse o comum das gentes. Mas no «caso concreto», nunca!

Reparai, Amigos, que o meu Ilustríssimo Censor está acima da craveira dos simples mortais.

Por isso e para ele, não há as regras de conduta apenas seguidas por indivíduos vulgares.

Não, Caros Amigos! Na inolvidável carta do meu Ilustríssimo Censor não há acinte, não há descortesia. Há, antes, a fremente manifestação dum espírito superior.

E sobre o ataque que V. V. viram erradamente — erradamente, insisto — nessa carta, descansai:

A pretensa ou hipotética «punhalada» não me atingiu, porque desviei, a tempo, as costas.

Meu Caro Virgínio Pires: Acabei de mostrar em tudo quanto escrevi, o erro de todos os meus aludidos amigos. E de boa vontade defendi o meu Ilustríssimo Censor, não porque ele necessitasse da minha humilde ajuda, mas porque entendi que ele estava a ser vítima de erradas interpretações.

Continuando, passemos ao ponto final.

Para tanto e antes de mais, é de salientar a forma que o mencionado Censor usou na citação duma passagem do meu artigo, publicado no «Povo Algarvio», de 31 de Agosto de 1959 e pelo Virgínio Pires reproduzido, como já disse, em parte, no número do mesmo jornal, saído em 23 de Julho de 1961.

É de regra que toda a citação ou transcrição dum trecho — seja ele qual for — se faça sem malévolas omissões, tendentes a adulterar o pensamento do seu autor.

Ora, no caso presente, é bem

Variações de saudade

Elementos para uma polémica

Saudades!... eu nem sequer sei definir, eu nem sei...
—Amando a minha mulher tenho saudades de ver uma outra que deixei.

Ando limpo e aseado
Mas ao destino não fujo:
É minha sina, meu fado,
ter saudades do passado,
dos tempos do bibe sujo.

Estava dum beijo em metade
diz-me uma mulher há dias:
— é uma imoralidade
mas amor, tenho saudade
do tempo em que me batias.

Há por aí tantos que eu sei
(e dizem mesmo em voz pública
Sem respeito pela Lei)
terem saudades do Rei
estando a comer da República.

Para o Garrett, a saudade
É gosto amargo, é prazer.
Pra outros, dificuldade
Em definir com verdade
Aquilo que sentem ser.

Para mim é punhalada
Do lenço com que me acenas.
Para o Picoito é um nada,
Propriedade privada
Dos Portugueses apenas.

Que diria a Butterfly
Que amou com tanto fervor
E quando a esperança se esvai
A vida perde num ai
Com saudade dum amor.

Ignotus

I Salão Algarvio

de
Arte Fotográfica

Organizado pelo Circulo Cultural do Algarve vai realizar-se em Faro, o I Salão Algarvio de Arte Fotográfica, iniciativa digna de todo o louvor pelo que representa de propaganda para as belezas da nossa provincia e que certamente será um forte incentivo para a sua expansão turística.

É com prazer que aceitamos o amável convite que nos foi dirigido pelo Circulo Cultural do Algarve para patrocinar tão brilhante iniciativa.

Do seu regulamento, que brevemente daremos a estampa, salientamos que é permitida a admissão de todos os fotografos amadores e profissionais que apresentem trabalhos exclusivamente de motivos algarvios.

Felicitemos o Circulo Cultural do Algarve por tão excelente empreendimento e informamos desde já os interessados que o último dia de recepção dos trabalhos é em 15 de Janeiro, que a classificação será em 17 daquele mesmo mês, a notificação em 22 e a exposição durará de 1 a 28 de Fevereiro.

verdade é que eu escrevi esse amor morreu. Mas logo acrescentei: Quanto mais o tempo nos separa desse amor, quanto maior for a distância que, no tempo, nos separa do mesmo, maior será a nossa saudade. E tal distância é, em síntese, a saudade, como sentia Isidoro Pires.

E esta última parte devia o meu Ilustríssimo Censor ter citado também, pois só assim a ideia ficaria completa.

Não o fez, porém. E não o fez, porque a sua pretensão era atacar-me. Daí, a omissão. Quer-se maior honestidade de processos?...

As pessoas dignas que o liguem.

Por outro lado, ao escrever o meu referido artigo, nada mais pretendi do que referir a «saudade» tal como a entendia Isidoro Pires, entendimento que eu conhecia, quer em face dos seus versos, quer pelas conversas que tive com ele ao longo da minha convivência com o Poeta. Nada mais.

Consequentemente, não desejei dar um conceito meu de saudade, nem, tão pouco, definir saudade... cientificamente, como lesto, pretendeu o Ilustríssimo Censor sem, no entanto, o ter conseguido...

Assim, tudo quanto disse sobre saudade foi dito, fundamentando-me, pura e simplesmente, na concepção que dela tinha Isidoro Pires.

Mas o meu Ilustríssimo Censor duvidou, ou, mesmo, negou tal concepção, ele que nunca conheceu o Poeta e, portanto, não conviveu com ele, e que, como o confessou, ignora a sua obra. Ora, é caso para dizer que semelhante atitude do meu Ilustríssimo Censor revela, pelo menos, audácia, filha, aliás, da já apontada presciência.

Desta sorte e sendo certo que Isidoro Pires concebia a saudade

Continua na 3.ª página

TAVIRA

Curiosa poesia do Dr. Coelho de Carvalho

«Jamais entro numa igreja desta cidade indiferente; minha alma ajoelha e beija a terra do chão pisada pelos pés de toda a gente! Se é possível qua ali esteja a minha mãe sepultada.

Minha mãe, a malfadada, morreu da peste... Era um dia d'Agosto, em que o ar abraza; Da Misericórdia ia a tumba, de casa em casa, levando os mortais que havia.

Levaram a desgraçada e, depois, ninguém sabia onde é que fora enterrada. Se em cemitério, ou igreja como então se consentia. E é bem possível que esteja numa destas sepultada.

Na incerteza, porém, do sítio onde é enterrada, toda a cidade é também sepulcro de minha mãe, por isso a mais venerada das terras que o mundo tem».

A sessão de homenagem

ao Dr. Coelho de Carvalho

Continuação da 1.ª página

no final da leitura foi muito aplaudido.

Em seguida, o sr. Dr. Jorge Correia convidou o sr. Coronel Antunes Cabrita a descer a placa comemorativa, acto que foi sublinhado com os mais fortes aplausos da assistência.

Foi depois dado o uso da palavra ao sr. Dr. Mário Lyster Franco, ilustre escritor e jornalista algarvio, inteligente Director do nosso prezado colega «Correio do Sul», que explicou a razão da sua presença naquela cerimónia evocativa, quer na qualidade de velho amigo e admirador do falecido vulto taviresente, quer ainda como representante da família de Coelho de Carvalho e do Dr. Maurício Monteiro, Vice-Presidente da Casa do Algarve.

Com os seus extraordinários dotes oratórios e com aquela sua tão peculiar verbosidade apoiada nos seus vastos conhecimentos bibliográficos, evocou alguns episódios da vida do grande escritor e humanista que foi Coelho de Carvalho, traçou a sua linha genealógica e, para finalizar o seu belo discurso, leu uma interessante carta que fora rebuscada no espólio do homenageado, pela qual se confirma, mais uma vez, a sua verdadeira origem taviresente, muito embora erroneamente a Grande Enciclopédia Luso-Brasileira assinale o contrário.

Excelente palestra que prendeu a atenção geral da assistência, sendo no final, o sr. Dr. Mário Lyster Franco, muito aplaudido e recebendo, por isso, cumprimentos amigos das pessoas que o rodeavam,

Assim terminou o sessão de homenagem prestada à memória de Coelho de Carvalho, que fora ilustre cidadão taviresente e de cuja celebridade a sua terra muito se orgulha.

Só pela absoluta falta de espaço com que lutamos neste momento não nos é possível dar à estampa, como desejávamos, a bela evocação a Coelho de Carvalho, escrita pelo sr. Major Mateus Moreno, o que esperamos fazê-lo num dos próximos números, se fôr possível.

Junta Distrital do Algarve

Continuação da 1.ª Página

dades financeiras. O total da receita foi de Esc. 704.053\$40 e a despesa foi de 640.455\$70.

Em fomento e cultura a Junta dispendeu as seguintes verbas: 6.467\$90, com inquéritos, estudos e divulgação; 7.200\$00, em exposições regionais e prémios de estímulo à agricultura e pecuária; 8.600.00\$ no auxílio a associações culturais; 11.460\$50, com subsídios eventuais de carácter cultural.

Para a criação e manutenção do Museu Regional Etnográfico foi orçada a importante verba de 78.177\$70, com a construção de edifícios pertencentes à Junta dispenderam-se 20.625\$80 e com a construção da 2.ª fase do belo edificio da sede 217.184\$40.

A Biblioteca Regional ficou instalada no 1.º andar do edificio da Junta.

Além de amparar algumas colectividades outros benefícios tem espalhado por toda a provincia, tais como a concessão de prémios aos melhores estudantes, estimulando assim muitas inteligências.

À frente de tão prestigiosa e tão importante organismo provincial encontra-se há anos o sr. Dr. José Correia do Nascimento, prestigiosa figura de algarvio que indiferente às heresias dos malquerentes tem sabido conduzir a politica do Algarve, com aquela inteligência e honestidade que sempre serviram de apanágio à sua conduta política.

A sua acção se deve a construção do edificio da sede.

Lidimo filho desta provincia, o sr. Dr. José Correia do Nascimento conta de lés a lés da terra algarvia com as mais sólidas amizades.

Quer à frente da Comissão Distrital da União Nacional onde permaneceu durante alguns anos quer como Presidente da Junta Distrital de Faro, tem procurado sempre marcar o seu lugar com muito apuro e dignidade, pelo que é justo felicitá-lo.

O livro «VERSOS» do Poeta Isidoro Pires, encontra-se à venda na Redacção do «Povo Algarvio»